

GRUPOS EM MAIOR VULNERABILIDADE: ESTUDANTES MÃES, NEGROS E PERIFÉRICOS NO CONTEXTO DA INSEGURANÇA ALIMENTAR UNIVERSITÁRIA

Bárbara Guimarães Pacheco¹; Pedro Carvalho Araújo²; Juliane Cunha De Oliveira³; Marcia Regina Viana⁴.

DOI: 10.47094/IIICOLUBRASC.2025/RS/21

RESUMO

A insegurança alimentar e nutricional entre estudantes universitários no Brasil apresenta maior intensidade em grupos historicamente marginalizados, como mães universitárias, pessoas negras e residentes em regiões periféricas. Essas populações vivenciam sobreposição de desigualdades que agravam o risco de exclusão acadêmica, comprometendo tanto a permanência quanto o desempenho no ensino superior. Fatores como a divisão de refeições com filhos, moradias precárias e distância dos Restaurantes Universitários (RUs) ampliam as barreiras ao acesso a uma alimentação adequada, refletindo vulnerabilidades interseccionais frequentemente invisibilizadas nas políticas institucionais. O objetivo deste recorte é analisar, com base em revisão integrativa, como a insegurança alimentar afeta de maneira diferenciada estudantes mães, negros e periféricos, identificando suas especificidades e impactos sobre a permanência acadêmica. A metodologia seguiu o delineamento da revisão integrativa apresentada no trabalho original, abrangendo artigos publicados entre 2014 e 2024, em português ou inglês, realizados no Brasil. As buscas foram feitas nas bases Periódicos CAPES, Google Acadêmico, SciELO e PubMed, utilizando descritores relacionados à insegurança alimentar, estudantes universitários e assistência estudantil. Do conjunto de estudos selecionados, seis artigos abordaram especificamente a vivência da insegurança alimentar nesses grupos vulneráveis, constituindo o foco desta análise. Os resultados mostraram que mães universitárias, especialmente as sem apoio institucional, enfrentam dupla jornada e precisam compartilhar recursos alimentares com os filhos, comprometendo sua nutrição e desempenho acadêmico. Estudantes negros apresentaram maior prevalência de insegurança alimentar, associada à renda familiar reduzida e ausência de infraestrutura básica nas moradias, refletindo o impacto do racismo estrutural. Já estudantes periféricos lidam com longos deslocamentos e custos elevados, o que dificulta o acesso regular aos RUs e favorece dietas de baixa qualidade nutricional. A ausência de políticas interseccionais faz com que as ações institucionais beneficiem prioritariamente estudantes com menor grau de vulnerabilidade, deixando de fora os casos mais críticos. Conclui-se que enfrentar a insegurança alimentar universitária exige políticas de assistência estudantil sensíveis às especificidades de gênero, raça e território, priorizando grupos em maior risco social. Critérios interseccionais, espaços de acolhimento, ampliação do acesso aos RUs e apoio integral à maternidade acadêmica são medidas essenciais para promover equidade e inclusão no ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: Insegurança alimentar. Vulnerabilidade social. Assistência estudantil.